



FILÓSOFAS EM TEMPOS SOMBRIOS

GRAZIELA RINALDI DA ROSA¹

RESUMO: : Escrever para um dossiê sobre as filósofas em meio a uma crise mundial, e uma pandemia foi um grande desafio. Decidi escrever sobre algumas filósofas que dedicaram suas vidas para lutar por um mundo melhor, além de denunciar alguns problemas da sociedade que viviam. Filósofas que viveram em meio ao caos, como guerras, altos índices de mortalidade, conflitos étnicos, governos fascistas, ditaduras, e nos deixaram seus escritos como legado. Trata de um ensaio, inspirado em pesquisas sobre as mulheres na Filosofia, e as relações de gênero na filosofia, que tenho desenvolvido desde a década de 90, quando ainda não tínhamos grupos de trabalhos sobre Gênero e Filosofia em associações filosóficas e haviam pouquíssimas publicações no Brasil sobre o tema. Trata de um texto inédito, contextualizado com o momento atual, em meio a uma pandemia, que já somam mais de cinquenta e sete mil mortos no Brasil, cabendo a nós, perguntarmos, o que as filósofas tem a nos dizer e nos ensinar sobre viver em tempos sombrios?.

PALAVRAS-CHAVE: Filósofas; Crise; Filosofia; Epistemologias feministas.

ABSTRACT: Writing for a dossier on philosophers in the midst of a global crisis, and a pandemic was a major challenge. I decided to write about some philosophers who dedicated their lives to fight for a better world, in addition to denouncing some problems of the society they lived. Philosophers who lived in the midst of chaos, such as wars, high mortality rates, ethnic conflicts, fascist governments, dictatorships, and left us their writings as a legacy. It is an essay, inspired by research on women in Philosophy, and gender relations in philosophy, which I have developed since the 90s, when we still did not have work groups on Gender and Philosophy in philosophical associations and there were very few publications in the Brazil on the topic. It deals with an unprecedented text, contextualized with the current moment, in the midst of a pandemic, which already total more than fifty-seven thousand dead in Brazil, leaving us to ask, what the philosophers have to say and teach us about living in dark times?

KEYWORDS: Philosophers; Crisis; Feminist Philosophy; Epistemologies.

Mulheres- sobreviventes da história da Filosofia

Ora, vivemos em tempos fascistas, tempos em que há muitas práticas de morte, morte por descaso e por assassinato, e pouca ou nenhuma reflexão sobre ela. Pensar na morte pega mal na era da felicidade banal típica desses tempos em que toda angústia é evitada. O fascista não sente angústia. E isso porque a morte não é, para ele, uma alternativa. Ele não lembra que vai morrer. Ele não morre simbolicamente como acontece às pessoas em geral algumas vezes na vida. Ora, o fascista não morre porque

¹ Professora de Filosofia e Educação Popular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: grazirinaldi@gmail.com.

não pode morrer. Não morre justamente porque, como confirma sua rigidez, ele já está morto (TIBURI, 2016, p. 84).

Esse artigo não quer apenas contribuir para conhecermos algumas filósofas que pensaram, escreveram e atuaram em tempos sombrios, onde o fascismo se infiltra nas vivências da vida pública e privada. Quero também provocar a reflexão sobre os silenciamentos de mulheres na história da Filosofia, mesmo quando somos percursoras de temas filosóficos e correntes de pensamentos, além de protagonistas de nossos tempos.

As filósofas Hipátia de Alexandria, Hannah Arendt (1976; 2010), Mary Wollstonecraft, Simone Weil, Nísia Floresta (1989), Edith Stein, Angela Davis (2009; 2016), Simone de Beauvoir, Graciela Hierro, Olympe de Gouges, Judith Butler, Hildegarda de Bingen, Lou Andreas-Salomé, Márcia Tiburi (2016), Suzana Albornoz (2017), Francesca Gargallo (2004; 2014) têm dado suporte epistemológico para pesquisar as mulheres na Filosofia, e também para escrever esse texto, pois são alguns exemplos de filósofas que possuem nas suas histórias de vidas um comprometimento com a sociedade e com as lutas de seus tempos. Algumas foram mortas por pensar e escrever filosofia, e seus pensamentos são fundamentais não só para a Filosofia, mas para analisarmos o mundo de hoje.

Não tenho intensão de desconsiderar a contribuição de filósofos que escreveram e escrevem sobre e em tempos sombrios, mas quero demonstrar, como a educação machista, androcêntrica e patriarcal tem contribuído para que as mulheres não apareçam na Filosofia e nos tomos filosóficos, contribuindo assim para lermos menos as mulheres. Ainda hoje, não temos uma coleção das pensadoras, e pouco se estuda sobre o pensamento filosófico produzido por mulheres, se comparamos com a produção escrita por homens. A filosofia sempre foi “sombria” para as mulheres. Ocultaram nossas ideias, tentaram silenciar nossas falas e gritos. Também ignoraram nossos escritos, queimaram e desconsideraram como relevantes na maior parte da história da Filosofia.

O artigo que apresento é inspirado na constante prática de ler o que as mulheres têm a dizer. E, nesse caso, conhecer o que as filósofas refletiram em tempos de crise. Refletir sobre quais filósofas escreveram em tempos sombrios? E que contribuições nos deixaram para superar esse momento de crise em meio a uma pandemia? As filósofas que aparecem nesse texto, possuem não somente escritos, mas uma trajetória inspiradora. Suas histórias de vida inspiram nossas trajetórias como mulheres na Filosofia.

Em um primeiro momento, pensei em escrever sobre uma filósofa que tenho estudado e escrito, que foi a primeira pensadora que consegui obras durante minha graduação de Licenciatura Plena em Filosofia (1998-2002), e que até hoje temos acesso mais fácil de suas

obras – Simone de Beauvoir. Beauvoir segue sendo referência para nós, feministas, e como uma mulher que esteve se movimentando com os temas e conflitos de seu tempo, nos inspira. Ao pensar as mulheres filósofas em “tempos sombrios”, muitas mulheres contribuíram e seguem contribuindo para superarmos tempos difíceis.

Mesmo que as mulheres foram vistas como estranhas na Filosofia, elas sempre estiveram nesse lugar hostil. Somos vistas como estranhas na Filosofia, não só porque nossos temas e abordagens são diferentes, mas pelo simples fato de sermos mulheres.

Tenho me dedicado a ler, estudar e pesquisar as filósofas, suas teorias e pensamentos. Enquanto aprendia uma filosofia escrita por homens, pesquisava o que estava oculto no currículo, nas palestras, nos congressos, colóquios, e encontros de Filosofia. Buscava por vozes femininas, por mulheres filósofas, e por alguém que pesquisasse esse tema, ou tivesse interesse em conhecer o que as mulheres na filosofia disseram. Por um longo período, não consegui encontrar muitas respostas ao que eu buscava. Pouco encontrávamos de eventos científicos sobre as pensadoras, e tampouco sobre gênero e Filosofia, ou filosofia feminista.

Quando comecei a lecionar Filosofia em escolas públicas (2002), consegui desenvolver projetos sobre esse tema, e provocar novas aproximações entre estudantes de ensino médio e as mulheres filósofas. Como professora de Filosofia na Educação Básica, lecionei cerca de quinze anos a disciplina de Filosofia para turmas de ensino fundamental, ensino médio e para turmas de cursos técnicos de nível médio.

Em salas de aulas, com crianças, adolescentes e jovens, durante quase duas décadas ousei mostrar que existiram mulheres que também produziram um conhecimento filosófico, e escreveram filosofia. Ao problematizar as relações de gênero nas aulas de Filosofia, escrevemos, publicamos e recebemos prêmios com base em nossas problematizações. Me refiro ao Prêmio Nacional Construindo a Igualdade de Gênero, que era parte de um programa do Governo Federal, que buscava problematizar gênero com estudantes de Ensino Médio, Graduação e Escolas no território brasileiro. Jovens eram motivados a problematizar temas sobre as desigualdades de gênero, preconceitos e violências de gênero, entre outros.

Realizamos fóruns de discussões, debates, rodas de diálogos, fomos classificadas/os em concursos nacionais sobre o tema da igualdade de gênero, publicamos, produzimos jogos filosóficos, *stencil* das filósofas (trata-se de uma técnica de grafite, inspirada na cultura Hip Hop), e realizamos outros projetos que tinham como objetivo principal apresentar às crianças e aos jovens o pensamento das mulheres filósofas.

Foi na prática de sala de aula que aprendi a ler as mulheres filósofas e a escrever sobre elas. Foi sendo professora de Filosofia que me constituí como uma mulher que pensa a filosofia numa perspectiva de gênero, não patriarcal, não androcêntrica e, portanto, feminista, descolonizadora, interseccional, que busca conhecer autores/as comprometidas com mudanças na qualidade de vida das pessoas, especialmente das mulheres. Os feminismos descoloniais de María Lugones (2011, 2014), Francesca Gargallo Celentani (2004; 2014), Djamila Ribeiro (2018); Akotirene (2019); Lagarde (2015); Miñoso, Correal, Muñoz (2014), tem contribuído para as reflexões, na perspectiva de interseccionalizar, “ despatriarcalizar” e descolonizar o conhecimento” (ROSA; MORETTI, 2018), pois ainda temos que mostrar que gênero, classe e raça, são temas de Filosofia.

Estudando Gênero e Filosofia tive as experiências mais marcantes de minha formação acadêmica, e devido minhas escolhas epistemológicas, tive a negativa de uma bolsa de doutoramento pleno no exterior, por uma banca composta por homens da filosofia, que me questionavam se Gênero era um tema filosófico. Buscava estudar em Portugal, e com uma carta de aceite em mãos, tive a negativa da solicitação da bolsa. Havia sido de Portugal (Universidade de Lisboa) que obtive o maior apoio teórico quanto às questões relativas à pesquisa de gênero e filosofia no meu curso de mestrado, e gostaria de ter tido essa experiência para conhecer o que se pesquisava sobre o tema em outros países. Mas, não desanimada, segui meus estudos nesse mesmo campo, e pesquisei sobre a pensadora brasileira Nísia Floresta no doutorado, mapeando sua Filosofia da Educação, que é uma pesquisa ainda não publicada, inédita no Brasil.

Nísia Floresta foi uma brasileira autodidata do século XIX, que escreveu sobre vários temas durante o Brasil colonial. Dentre eles, destaco a educação brasileira, a família brasileira, escravidão, abuso sexual, amas de leite, Brasil, direito das mulheres, situação dos povos indígenas e dos negros e negras no Brasil colonial. Escrevia para jornais da época e publicou livros. Foi educadora, abolicionista, indigenista, republicana, e é considerada uma pré-feminista. Fundou escolas no Brasil e viveu parte de sua vida no exterior, onde se relacionou com intelectuais da época, como Augusto Comte. Floresta escreveu sobre a realidade da vida das mulheres, é considerada por diferentes autoras/pesquisadoras uma pré-feminista (ROSA, 2016). Dentre inúmeras obras, escreveu “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens” (FLORESTA, 1989), que é considerado por biógrafos/as como uma tradução livre do livro de Mary Wollstonecraft, intitulado “Reinvindicação dos direitos da mulher”. É uma filósofa brasileira que merece nosso reconhecimento.

No curso de Mestrado (2004-2006), aprofundei meus estudos sobre o tema das mulheres na Filosofia, com uma dissertação desenvolvida em um programa de pós-graduação em educação, visto que no Brasil, eram poucos os programas de pós-graduação em Filosofia, que trabalhavam com a temática. Na pesquisa, foram realizadas entrevistas a partir das narrativas e histórias de vida de professoras de Filosofia, com embasamento teórico do método de pesquisa-formação de Marie Christine Josso. Como uma das pioneiras nos estudos de gênero na Filosofia no Brasil, também fui barrada e sofri o preconceito com relação às mulheres na Filosofia, especialmente quando se propõe a trabalhar filosofia e epistemologias feministas.

Naquele momento (2004-2006), foi possível identificar que os estudos de gênero no campo da Filosofia, no Brasil, eram poucos, sendo necessário conhecer os estudos e pesquisas desenvolvidas em outros países. Estudei sobre o que “os pensadores” disseram sobre as mulheres, como por exemplo, Rousseau, Kant, Schopenhauer e Locke.

O meu estágio pós-doutoral foi realizado (2017-2018) numa perspectiva feminista descolonial, onde busquei conhecer as mulheres fontes do pensamento pedagógico da América Latina. Apesar de me interessar pelo estudo de obras de mulheres filósofas na década de 90, foi no início dos anos 2000 que acompanhei eventos pioneiros sobre a temática no território brasileiro, como o I Simpósio Nacional As Mulheres e a Filosofia. O Simpósio ocorreu em agosto de 2001, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. O encontro gerou o livro “As Mulheres e a Filosofia” (TIBURI; MENEZES; EGGERT, 2002). Após esse encontro, passei a publicar sobre o tema e conhecer algumas filósofas brasileiras que se interessavam por pesquisar sobre as mulheres na Filosofia.

Podemos dizer que o tema das mulheres e a Filosofia não é novo. Ao analisar as narrativas e histórias de vidas de mulheres que atuam na Filosofia, como também o que tinha sido produzido, problematizando “Gênero e Filosofia” e “As mulheres e a Filosofia” como temas filosóficos, confirmei minha suspeita acerca dos preconceitos vividos por mulheres que estudam, lecionam e pesquisam sobre filosofia, e segui lendo e pesquisando sobre o que as mulheres escreveram na filosofia. Essas leituras foram me mostrando que as mulheres na filosofia sempre denunciaram as teorias machistas, sexistas e preconceituosas dos filósofos, como podemos ver nos escritos de Mary Wollstonecraft (1759-1797).

Sofia, diz Rousseau, deveria ser tão perfeita como mulher quanto Emília é como homem, e para torná-la assim, é necessário examinar o caráter que a natureza deu ao sexo. Ele então passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer-se agradável a seu mestre - sendo este o grande fim da sua existência. Contudo, para dar certa aparência de dignidade à luxúria, ele insiste que o homem não deveria exercer sua força, mas depender da vontade da mulher, quando busca o prazer com ela (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 107).

Sendo assim, quando lemos as mulheres filósofas, passamos a nos conhecermos como pensadoras de uma história da Filosofia, que tem o compromisso ético de romper com esse discurso que dissemina que somente os homens pensam, ou que pensam melhor que nós, mulheres. Nesse sentido, ousar dizer que um dos grandes desafios que temos é não dizer ou escrever aquilo que irá agradar aos homens que atuam na Filosofia, e são reconhecidos como filósofos ou pensadores.

Quero esclarecer o que significa trabalhar com a história das ideias filosóficas numa perspectiva latino-americana e feminista, e para isso, cito a filósofa Francesca Gargallo (2004, p. 25):

Plantear e este ámbito una historia de las ideas filosóficas feministas latino-americanas encarna un doble reto. Implica el reconocimiento de la historicidad de las ideas feministas en un ámbito cultural mayoritariamente occidentalizado, pero no central ni monolítico y, a la vez, la idea de que el feminismo debe situarse como una teoría política de la alteridad, tanto en su etapa emancipadora, cuando las mujeres piden ingresar en condiciones igualitarias en la historia del hombre, como en su etapa de liberación y reivindicación de la diferencia, cuando las mujeres cuestionan y se deparan del modelo masculino planteado como universalmente válido. Una alteridad cuyo discurso primario há ido de: “Existo, luego, hombres, debes reconocerme” hasta **“Existo, luego existen otras mujeres que van a reconocer mi autoridad y tu reconocimiento, hombre, ya no me valida ni me es suficiente** (GARGALLO, 2004, p. 25, grifos meus).

Nós mulheres, sempre fizemos parte dessa história e produzimos importantes obras filosóficas, mas precisamos ler umas às outras e também reconhecer as contribuições das feministas e dos estudos de gênero para a Filosofia. Aqui recordo a feminista africana Chimanda Ngozi Adichie (2015), que nos provoca a pensar: o que é ser feminista no século XXI? E por que os feminismos são essenciais para libertar mulheres e homens.

Sejamos todas feministas!

O que temos de estudos sobre as mulheres na Filosofia, nos demonstram suficientemente que a Filosofia tem sido um território sombrio para as mulheres, pois além de algumas filósofas viverem momentos históricos difíceis e buscarem contribuir com seus pensamentos e práticas para a superação dos problemas, as pensadoras são condenadas dentro e fora da Filosofia. Somos filósofas em meio ao caos e produzimos filosofias em tempos sombrios. O termo “tempos sombrios”, é inspirado no livro de Hannah Arendt, denominado “Homens em tempos sombrios”.

Os tempos sombrios, em contrapartida, não só não são novos, como não representam uma raridade histórica, embora talvez fossem desconhecidos na história, embora talvez fossem desconhecidos na história americana, que de resto também teve a sua quota-parte, passada e presente, de crime e catástrofes (ARENDR, 1991, p. 9-10).

Arendt (1991) nos apresenta a filósofa-Rosa Luxemburgo (1871-1919) como uma protagonista em meio a outros homens que viveram e pensaram tempos de crise, guerras, holocaustos e, portanto, sombrios. Luxemburgo nasceu em uma pequena cidade da Polônia ocupada pela Rússia. Conforme Loureiro (2011), nasceu em uma família judia emancipada e culta. Sobre essa revolucionária e precursora do Partido Comunista Alemão, Arendt (1991, p. 46) fala de sua vida e destacou que desconhecia “livro que melhor ilumine o período crucial do socialismo europeu”, desde as últimas décadas do século XIX, e que muito jovem Luxemburgo deixou sua Polônia natal, para ingressar no Partido Social-Democrata alemão. Discorreu acerca do seu reconhecimento, e questionou sobre o “êxito” que as mulheres recebiam, até mesmo no seu próprio mundo revolucionário. Hannah Arendt (1991, p. 46) diz que Luxemburgo “continuou a desempenhar um papel-chave na desdenhada e mal conhecida história do socialismo polaco; e que em seguida, durante cerca de duas décadas, se tornou, embora nunca tenha chegado a ser oficialmente reconhecida, a figura mais controversa e menos compreendida do movimento da esquerda alemã”.

Ao refletir sobre o êxito de Rosa de Luxemburgo², Hannah Arendt nos provoca a refletir sobre o que as mulheres têm passado como filósofas, e portanto, se a Filosofia tem sido sombria para as mulheres:

[...] que faltou a Rosa Luxemburgo na vida, na morte e depois da morte. Estará o fracasso de todos os seus esforços em termos de reconhecimento oficial de algum modo relacionado com o triste fracasso da revolução no nosso século? Terá a história um aspecto diferente se a virmos pelo prisma da sua vida e obra? (ARENDR, 1991, p. 46-47).

Não é novidade que muitas mulheres que “ousaram” pensar e escrever foram mortas, violentadas, assassinadas, exiladas, presas. Estamos fadadas ao fracasso numa sociedade patriarcal, pelo fato de sermos mulheres. Quando falamos de pioneiras ou protagonistas de seus tempos, essa realidade foi ainda mais cruel. Muitas foram assassinadas, e aquelas que não foram, eram “mortas” em vida. Fadadas pelo não direito de dizer o que pensavam, foram esquecidas, mesmo quando estavam vivas. Muitas mulheres na Filosofia foram proibidas de ocupar cargos universitários e publicar, como é o caso de Agnes Heller, que em 1958, que foi submetida a um processo disciplinar, sob acusação de participar da revolução de 1956. Ortega (2002), nos conta que Agnes Heller foi expulsa do partido, demitida do cargo da Universidade, proibida de publicar e lecionar na Universidade, passando a lecionar gramática em escolas e trabalhar como tradutora.

² Ver volume I e II de “Rosa Luxemburgo. Textos escolhidos”, organizado por Isabel Loureiro.

Para Tiburi (2016, p. 84), “em tempos fascistas como os nossos, tempos que se repetem historicamente, mais do que nunca, é preciso pensar sobre a morte e renovar nossa relação com a angústia. A angústia tem algo a nos ensinar: que não precisamos nos matar e que não devemos matar os outros”. A história da exclusão das mulheres na Filosofia é muito cruel e reflete até nossos dias. Quando nos reunimos para falar de mulheres filósofas, ainda hoje ficamos falando para nós mesmas.

Recordo bem o lançamento do livro intitulado “Filósofas. A presença das mulheres na Filosofia” (2016). Falávamos para uma plateia de mulheres, e os poucos homens que compareceram, se levantaram antes do término de nossas conferências.

A presença das mulheres na Filosofia não foi tranquila e, além de angústias, gerou muitas mortes. Quando conseguimos adentrar espaços públicos que os pensadores estão presentes, somos ainda expulsas. Quando problematizamos gênero na Filosofia, nossos temas são excluídos e pouco reconhecidos, além de sermos menos (re) conhecidas. Sobre esse assunto, sugiro a leitura do livro “As Relações de Gênero na Filosofia” (ROSA, 2012): somos demitidas de cargos, por preferirem homens, e nas grandes associações filosóficas raramente estamos em espaços de reconhecimento, participando de painéis, mesas ou realizando palestras. Ainda há mais homens do que mulheres em nossos cursos. Essa realidade é mais cruel quando lembramos das ideias e pensamentos de mulheres negras, pobres, indígenas.

Agnes Heller, filha de judeus laicos, uma pensadora fiel à tradição arendtiana, que sobreviveu ao Holocausto, e perdeu muitos familiares nos campos de concentração, lembrou:

Jane Austen, George Sand, Rosa Luxemburgo, Hannah Arendt...De nenhuma dessas mulheres pode-se dizer que foram “felizes” no sentido ordinário do termo. Foram todas exiladas, de fato ou no sentido metafórico; todas tiveram uma vida difícil. Nenhuma delas viveu a vida de modo pleno – Rosa Luxemburgo foi assassinada. Mesmo assim, foram belas e felizes! Não sofreram o mal-estar da insegurança. Eram caracteres nobres. Mantiveram, constantemente, suas liberdades em equilíbrio. Todos esses quatro caracteres se cercaram de beleza, amavam a beleza como amaram a boa conversa e a boa companhia. Eram leais aos amigos e também cultivaram amizades, ligações emocionais e sentimentos. Naturalmente, também amavam as belezas da natureza. Eram mulheres de riqueza e densidade emocionais (HELLER, 1996, p.275).

Mesmo em tempos sombrios, as mulheres escreviam e tentaram publicizar e publicar seus escritos e ideias. Hipátia de Alexandria foi dilacerada em praça pública porque ousou propor teorias e ocupar um lugar de prestígio. Rosa de Luxemburgo foi assassinada em Berlim por “membros do ultranacionalista e oficialmente ilegal *Freikorps*, organização paramilitar onde as tropas de choque hitlerianas iriam em breve recrutar os seus assassinos mais promissores (Arendt, 1991, p. 47). Edith Stein (1891-1942), uma filósofa judia, atea e que foi monja, estudava filosofia e escrevia nos intervalos de uma rotina rígida de trabalho. Ela ousou

publicar uma obra não-ariana, foi presa com outros judeus católicos na Holanda, e enviada a Auschwitz, onde ficou em um campo de concentração e morreu na câmara de gás³.

Nesse sentido, podemos questionar: a **Filosofia tem sido um dos *cativeiros das mulheres***? Sabemos que “Las mujeres vivimos en cautiverio, pero ahí mismo vamos transformando nuestras vidas” (LAGARDE, 2015, p. 21). Mesmo que na história da Filosofia, os pensamentos das mulheres foram negados, muitas vezes elas eram destinadas a serem discípulas, assistentes, ajudantes e auxiliares de filósofos; e mesmo quando filosofaram e escreveram mais que muitos deles, eram eles que recebiam os títulos, as honrarias, os cargos e prêmios. É nesse sentido que utilizo a categoria “cativeiro das mulheres”, cunhada por Marcela Lagarde y de Los Ríos (2015), uma mexicana, pesquisadora feminista e doutora em Antropologia, para pensar a Filosofia como um dos cativeiros das mulheres, quando nos foi negado lugar de expressão e nos foi dado um lugar de auxiliares, de assistentes, que negam o pensamento das mulheres.

Escrever sobre filósofas como Rosa Luxemburgo, Agnes Heller, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Simone Weil e Angela Davis implica reconhecer que essas filósofas não latino-americanas possuem relevantes contribuições para pensarmos desigualdades sociais, racismo, e as contribuições dessas filósofas para a história do pensamento filosófico ocorrem, primeiramente, porque essas pensadoras tiveram suas vidas dedicadas à superação dos problemas dos tempos sombrios em que viveram, e também porque, em contextos distintos, não só teorizaram, mas lutaram por tempos melhores.

Ser mulher na filosofia, nunca foi fácil. Sobretudo, quando teimamos em pesquisar sobre outras mulheres, e sobre as relações de gênero na Filosofia, as epistemologias feministas e filosofia feminista⁴. Há um vasto universo de leituras a se fazer, e pesquisas para realizarmos, e para isso não basta realizar a crítica patriarcal e denunciar as aberrações que os homens falaram sobre as mulheres. É imprescindível ler as mulheres filósofas com seriedade epistêmica, para inseri-las no cânone-filosófico, desconstruindo o preconceito e as relações de poder que ainda existem na Filosofia.

As mulheres se interessaram pela filosofia, e desde sempre pensaram e filosofaram. Algumas escreveram e publicaram, outras tantas tiveram seus escritos rasgados, queimados ou ainda “simplesmente” esquecidos.

³ Para saber mais sobre essa filósofa, sugiro a leitura do livro Edith Stein-Judia, Ateia e Monja, escrito por Christian Feldmann (2001).

⁴ Sugiro ler Margareth Rago (2012).

Arendt (1991) apresenta Rosa de Luxemburgo (1871-1919) como uma mulher que viveu em tempos sombrios e a elogia, destacando que ela foi “uma figura bastante marginal” que nunca chegou a ser oficialmente reconhecida, e questionou sobre a falta de reconhecimento. Arendt (1991, p. 47) reconheceu Rosa de Luxemburgo como grande pensadora do socialismo europeu, e refletiu se estaria “o fracasso de todos os seus esforços em termos de reconhecimento oficial de algum modo relacionado com o triste fracasso da revolução no nosso século? Terá a história um aspecto diferente se a virmos pelo prisma da sua vida e obra?”. Para Arendt (1991, p. 48), “a morte de Rosa de Luxemburgo converteu-se na linha divisória entre duas épocas na Alemanha; e converteu-se no ponto de não-retorno para a esquerda alemã”.

A filósofa Rosa Luxemburgo, em 1906, publicou um texto que trazia no seu título a pergunta “O que queremos?”. Nele, a autora comenta sobre o programa da Social-Democracia do Reino da Polônia e da Lituânia, que tinha como objetivo a materialização do sistema socialista, que buscava “abolir a exploração da classe trabalhadora pelos proprietários da terra, fábricas, oficinas, minas e a entrega de todos esses meios de produção para o povo trabalhador como uma propriedade comum” (LUXEMBURGO, 2011, p. 207). Vejamos:

O sistema socialista será uma verdadeira liberação da coletividade humana da desigualdade entre as pessoas, da exploração de algumas pessoas por outras, da dominação de uns sobre os outros, da opressão das nações derrotadas pelas imperialistas, da humilhação do sexo feminino, da libertação de perseguições pela fé, religião, crença. Não é possível imaginar em todos os detalhes como seria este futuro sistema socialista, e todas as tentativas nesse sentido dependem da imaginação. Contudo, é possível, de forma totalmente clara, e com toda a certeza, reconhecer as *bases gerais* do futuro sistema. Basta, conforme sabemos, que o sistema se baseie na propriedade de todas as fontes de produção pela sociedade, e não cada produtor individual, por conta própria, mas toda a sociedade e seus representantes escolhidos dirijam a produção. Então, pode-se concluir que o sistema futuro não conhecerá escassez, nem desperdício vão, nem crises e inseguranças quanto ao dia de amanhã. Com a eliminação da venda da força de trabalho aos exploradores privados, desaparecerá a fonte de qualquer desigualdade social hoje existente (LUXEMBURGO, 2001.p. 212).

As filósofas nos ajudam a lembrar que no contexto capitalista são as mulheres que são mais atingidas, visto que são quem na maioria administram seus lares sozinhas, como é o caso do Brasil, e muitas vezes não possuem com quem deixar seus filhos e filhas, visto que escolas e creches não funcionam, ficando enclausuradas com seus filhos e filhas em situações precárias. Nesse sentido, quando nos referimos às mulheres negras, esse problema é ainda maior.

Algumas filósofas negras, tem nos ajudado a pensar melhor sobre nossos feminismos e os temas que pesquisamos. A filósofa negra Djamila Ribeiro, que é mestra em filosofia política pela Unifesp, foi secretária de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, coordena a coleção Feminismos Plurais, que problematiza importantes conceitos e temas, como a interseccionalidade, intolerância religiosa, racismo estrutural, encarceramento em massa,

apropriação cultural, empoderamento, lugar de fala e racismo recreativo. Ela escreve em seu livro, intitulado “Quem tem Medo do Feminismo Negro?”

Numa introdução que emociona, intitulada “A máscara do silêncio”, Djamila Ribeiro (2018) conta sua história e inquietudes como uma mulher negra. Recorda do tempo de menina, e fala dos preconceitos e insultos que sofreu, dos insultos e isolamentos, da falta de consciência sobre si, sensação de inadequação e não pertencimento, das suas dores e estratégias de “fugas”. Para essa filósofa, foi só após ter contato com os textos de Bell Hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Sueli Carneiro, Toni Morrison e Alice Walker, é que ela foi aprendendo a “reconfigurar o mundo a partir das perspectivas deles” (RIBEIRO, 2018, p. 17), e a se sentir “confortável”, na medida que foi aprendendo a falar por outras vozes, a se enxergar através de outras perspectivas.

A despeito dos direitos humanos permitirem acesso irrestrito, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição, as mulheres negras se veem diante dos expedientes racistas e sexistas das instituições públicas e privadas por lhes negarem primeiro trabalho e, depois, o direito humano de serem reclamantes das discriminações sofridas (AKOTIRENE, 2019, p. 62).

Assim, quero ressaltar que escrever em tempos sombrios é um privilégio. Digo isso, pois para nós mulheres, o ato de escrever nunca foi algo tranquilo. Primeiro, porque historicamente tivemos que escrever escondidas, e fomos silenciadas, ocultadas e mortas por dizer a nossa palavra.

Las mujeres han ampliado su universo, han diversificado sus formas de intervención directa y simbólica en el mundo, han aprendido lenguas y desarrollado saberes, aptitudes y habilidades que es preciso develar con tanta intensidad como los hilos del fino tejido de los cautiverios para poder aproximarnos de manera más plena a las mujeres mismas: cautivas, pero no sólo cautivas con recursos para vivir. La cuestión más importante consiste en descifrar la medida en que sus recursos vitales dan potencia a las mujeres y permiten desconstruir los cautiverios, y en saber si esos hechos conducen hacia la construcción de nuevas identidades, de alternativas sociales, culturales y políticas (LAGARDE, 2015, p. 21).

Na História da Filosofia, as filósofas, até nossos dias, ainda buscam espaço para problematizar seus temas e apresentar seus escritos, pois a Filosofia segue sendo um ambiente machista, androcêntrico, eurocêntrico e cis.

Filosofar também é um privilégio de poucos e poucas. Mesmo que isso pareça contraditório, pois somos todos seres pensantes e capazes de elaborar um pensamento, inclusive o filosófico. No entanto, muitas pessoas foram excluídas da Filosofia, e tiveram o seu acesso negado, em salas de aulas, concursos, docência, publicações, conferências, palestras e outros espaços de notório saber. Nesse sentido, escrever em tempos de pandemia é um grande privilégio, pois se supõe que quem escreve está tendo suas necessidades básicas supridas, bem

como a de seus entes próximos, além de gozar de saúde e algum bem-estar para desenvolver seu raciocínio. Mas, não basta apenas ter o privilégio de poder escrever e filosofar, existe algo mais complexo nesse percurso, que diz respeito aos temas que escolho, bem como os autores e autoras que leio, cito, e que ainda venho dedicar o meu tempo para escrever sobre eles/elas. Escrever em tempos sombrios, implica ter um comprometimento ético.

Os tempos sombrios, em contrapartida, não só não são novos, como não representam uma raridade histórica, embora talvez fossem desconhecidos na história americana, que de resto também teve a sua quota-parte, passada e presente, de crimes e catástrofes. Mas até nos tempos mais sombrios temos o direito de esperar ver alguma luz, e é bem possível que essa luz não venha tanto das teorias e dos conceitos como da chama incerta, vacilante, e muitas vezes tênue, que alguns homens e mulheres conseguem alimentar em quase todas as circunstâncias e projetar em todo o tempo que lhes foi dado viver neste mundo [...] (ARENDR, 1968, p. 9-10).

Quero chamar de “Filosófas do Caos” essas pensadoras, pois filósofas como Simone Weil, Hildegard de Bingen, Nísia Floresta, Rosa de Luxemburgo, Mary Wollstonecraft, Hannah Arendt e tantas outras, propuseram reformas, ou são filósofas revolucionárias que viveram em tempos caóticos. Mulheres que muitas vezes começaram a escrever com mais idade, e falaram das injustiças dos homens, revoluções, educação das meninas, fome, miséria e outros temas não triviais. Em tempos distintos, viveram em diferentes caos, e não só teorizaram sobre o mundo, mas também ajudaram a transformá-lo.

Hildegard de Bingen, mesmo que só tenha começado a escrever aos 43 anos, deixou registrada sua concepção de universo e conforme nos apresentou a historiadora francesa, Régine Pernoud (1996), ela conhecia botânica, o poder medicinal das plantas, o curso dos rios e a qualidade das águas, e escreveu mais de 70 sinfonias, inúmeros textos poéticos, dezenas de obras de teologia cósmica, uma enciclopédia dos conhecimentos da Alemanha de seu tempo, os dois únicos tratados de ciência natural e médica do século XII e criou um alfabeto e uma nova língua.

Hannah Arendt, nasceu em 1906 e viveu em períodos que ocorreram duas guerras mundiais. Quando os nazistas tomaram o poder na Alemanha, saiu do país e se fixou nos Estados Unidos, país em que faleceu, em 1975. Hannah Arendt não foi a única filósofa que viveu em tempos sombrios, e tampouco em tempos de guerras, no entanto ela ficou conhecida como uma filósofa do pensamento político contemporâneo, e seus escritos que demonstram interesse pelo comportamento humano em tempos sombrios têm muito a nos dizer em tempos de crise, como o que estamos vivendo.

Para não concluir:

Sempre fomos na história da Filosofia esquecidas, hostilizadas, silenciadas, maltratadas, e tivemos nossas ideias negadas. Digo isso a partir de pesquisas que desenvolvi em outros períodos da minha vida, onde tive a oportunidade de entrevistar mulheres na Filosofia que, entre outras coisas, relataram as violências psicológicas que sofreram por serem mulheres na Filosofia.

Vivemos um tempo muito interessante, que é sombrio em alguns aspectos, mas que em outros traz à luz pensadores e pensadoras, especialmente negros/negras reivindicando seus lugares de fala e, mais do que isso, denunciando o racismo estrutural⁵, na medida que se anunciam no mundo, denunciando as violências que ainda sofrem e resgatando protagonistas, autores e autoras negros/as. Esse movimento de *lives* e cursos *on-line*, que acompanhamos durante esse período de pandemia, é muito interessante e necessário. São homens e mulheres, antes invisibilizados e ocultados no mundo acadêmico e intelectual, que nos fazem repensar as nossas bases epistemológicas e conceituais.

Temos muito a aprender com os feminismos negros e descoloniais. Como uma mulher branca, que rompeu algumas amarras a partir do acesso à universidade pública, e acesso à bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, tenho escutado outras falas, das quais aprendemos muito. Trata-se de uma escolha epistemológica, que pode tirar das sombras seres pensantes que outrora não eram escutadas/os nas diferentes áreas do conhecimento, pois nossa ciência segue sendo sexista, racista, classista, homofóbica, preconceituosa, excludente e eurocêntrica.

Fomos atingidos/as por uma pandemia que mudou completamente o nosso cotidiano e o rumo da história mundial. Vivemos em meio a uma guerra epidemiológica, insegurança alimentar, em meio a diferentes crises, como a crise na política, na economia mundial, altas taxas de desemprego e subemprego, em um contexto que morrem cerca de mil mortos no Brasil por dia por um vírus para o qual ainda não há vacina. Com mais de cem mil mortos na América Latina e no Caribe, somos o epicentro do mundo. Nós mulheres estamos na linha de frente de pesquisas para vacinas, coordenando equipes de cientistas e projetos que contribuem para amenizar os impactos sociais desse vírus. São as mulheres as protagonistas dessa história.

Há mais de cinquenta anos, nos anos sessenta, uma mulher cientista e virologista, a escocesa June Dalziel Almeida (1930-2007), estava pesquisando sobre gripes, e descobriu o coronavírus. Segundo o site “Mujeres bacanas”(Plant; Quintana; Claro; García-Huidobro), a viróloga também foi a primeira pessoa a captar o vírus da rubéola. Era de família simples e,

⁵ Sugiro a leitura do livro *Racismo Estrutural*, de Silvio Luiz de Almeida (2019).

apesar de seus esforços, teve seus estudos em um primeiro momento desconsiderados por homens epidemiologistas, e seus escritos demoraram para ser publicados. A Doctorate Medical School reconheceu suas publicações e descobrimentos, e ofertou-lhe um doutoramento, mesmo que ela não tinha outros títulos, e em 1979, publicou um manual para o rápido diagnóstico viral.

São as mulheres que estão em casa, na sua maior parte do tempo, dando conta de uma jornada de trabalho exaustiva, outras, deixaram de ser contratadas e tem aquelas que foram demitidas por serem mães. Temos aquelas que precisam levar suas crianças para o trabalho, e há muitos casos de acidentes e mortes com essas crianças. As mortes de mulheres, vítimas de feminicídio, e os casos de violência doméstica têm aumentado, na medida em que o isolamento social é necessário.

Esse contexto gera insegurança, mas não é nova essa realidade de desigualdades sociais e crises somadas às inseguranças cotidianas de um sistema capitalista, patriarcal, machista, androcêntrico e eurocêntrico que ignora cotidianamente o sofrimento de uma população.

Assim, mais difícil do que escrever em tempos sombrios, é concluir uma escrita. Essa temática das mulheres na Filosofia não se esgotará. Digo isso não apenas pela diversidade e quantidade de textos e obras escritas por filósofas, que ainda não estudamos, mas porque as mulheres sempre fizeram e farão parte da história do pensamento filosófico, ainda que nos neguem o direito à fala ou publicação de nossas filosofias.

Sim, filosofamos muito e diferentemente dos homens. Filosofamos enquanto fazemos muitas outras coisas. Escrevemos sobre o cotidiano, sobre o que dizem mulheres e homens, sobre o ainda não pensado, e sobre o não dito. Desocultamos pensamentos e como arqueólogas do saber, amamos a filosofia e compomos com ela, desde seu princípio.

Escrever esse artigo me fez questionar sobre quando a filosofia não foi sombria para nós, mulheres?

Sabemos que muitas filósofas protestaram, reivindicaram e viveram em períodos históricos conturbados. Foram protagonistas de seu tempo, e por isso não deixaram de escrever, ao mesmo tempo que lutavam por tempos melhores. Entre uma diversidade de temas filosóficos, as filósofas também escreveram sobre liberdade, emancipação, direitos humanos, ditaduras, política, ética, autoritarismo, sistemas totalitários, sistema socialista, riqueza e força de trabalho, desigualdades sociais, sociedades totalitárias, fascismos, violência, ideologia, democracia, angústia, melancolia, crise, dignidade, egoísmo, divisão do trabalho, utopia e outros temas que são recorrentes em tempos sombrios da história da humanidade, denunciando,

entre outras coisas, o poder da burguesia e do capitalismo, invasões, opressões, explorações de povos e riquezas naturais, extermínios, massacres, violências, governos fascistas, racismos.

Quando passei a estudar e pesquisar as filósofas, fui me aproximando de uma filosofia mais concreta e vinculada ao cotidiano, ao seu tempo. Não é coincidência que as mulheres trouxeram para a filosofia temas diferentes do que aqueles que os homens problematizaram, e ainda filosofaram incluindo, não apenas o mundo político e social, mas também a vida privada e as relações de gênero. Cabe questionarmos: se as mulheres sempre produziram filosofia e amaram a Filosofia, por que ainda desconhecemos o que pensaram? Porque as filósofas são menos lidas?

Nós, mulheres na Filosofia, só vamos nos constituir como filósofas e conseguir o reconhecimento que merecemos, se aprendermos a ler as filósofas. Temos que ler mais outras mulheres, e aprender, numa perspectiva ética, a valorizar o pensamento das mulheres na Filosofia. Questionar se alguma mulher já escreveu sobre um determinado tema, ou se uma filósofa já publicou sobre o que estamos lendo. Tal exercício firma um pacto entre nós mulheres, que é o que chamamos de “sororidade” (LAGARDE, 2009), pois, como disse Bell Hooks (2017), “La sororidad sigue siendo poderosa”!

A pandemia trouxe para nós falas significativas nas redes sociais. Isolados e isoladas em nossas casas (para quem tem casa e está numa condição privilegiada), com acesso à internet, estamos acessando outros saberes, um outro mundo, que outrora era ocultado na nossa ciência, em nossas universidades, que ainda são lugares de corpos brancos, heteros e normatizadores.

Em tempos de pandemia a reflexão sobre o futuro vem à tona. O futuro é visto como incerto por algumas pessoas. Mas, podemos dizer que o futuro tem sido incerto sempre para muitas pessoas, ou melhor, para a maior parte da humanidade. Viver em tempos de crise tem sido a realidade para a grande maioria dos povos originários, desde que se buscou explorar esses povos.

As mulheres sempre sobreviveram em diferentes e não menos cruéis, realidades sociais. São sobreviventes nas comunidades periféricas, nos quilombos, nas aldeias indígenas, nas guerras, revoluções. São sobreviventes do holocausto, dos campos de concentrações. Obviamente em proporções menos drásticas, na filosofia, não é diferente. As mulheres também sobrevivem até nossos dias em espaços hostis e violentos dentro de institutos ou departamentos de Filosofia, bem como nas salas de aulas desses cursos, onde mesmo com a presença das mulheres, o que mulheres pensaram e escreveram é ocultado, excluído, classificado como inadequado, ou fora das normas.

Da mesma maneira, no âmbito da filosofia, as mulheres se sentem incomodadas e muitas vezes se isolam, pois se sentem menos capazes do que os homens para exercerem determinados papéis ou assumirem determinados cargos, visto que ainda sofrem com os preconceitos de gênero. É urgente o empoderamento feminino na Filosofia. Nós mulheres, precisamos nos sentir confortáveis em nos assumirmos como pensadoras, como filósofas, pois quando isso acontecer, significará que não estamos com medo de dizer o que pensamos. Trata-se de uma luta por equidade, que também perpassa nossas universidades, e nossos cursos de Filosofia, afinal, não somos a Sophia da obra de Rousseau. Mesmo quando somos educadas para servir aos homens, nos esforçamos, e formamos uma rede para superarmos as diferentes formas de opressões e amarras que nos cercam, e a sororidade (estabelecer pactos entre nós mulheres), ainda me parece o melhor caminho.

Percebemos um movimento de mulheres construindo espaços nas redes sociais para tratar do tema das mulheres na filosofia. São mulheres ofertando cursos e organizando livros sobre as pensadoras. Essa é, sem dúvida, uma estratégia importante, mas não podemos nos iludir que será suficiente. A longa trajetória das lutas e (re) existências das mulheres na Filosofia está sustentada na mudança de paradigmas, que implica saber porque ocupamos esse espaço.

Conhecer as mulheres da história da Filosofia, e ler suas teorias deve ser um compromisso ético de quem está preocupada/o em contribuir para uma produção de conhecimento que corrobora para a concretude de um mundo menos desigual e violento para nós, mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todas feministas*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- ALBORNOZ, Suzana Guerra. *Política e Vocação Brasileira*. Leituras interdisciplinares. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARENDT, Hannah. *Prefácio*. Homens em Tempos Sombrios. Antropos: Lisboa, 1991, p. 7-10.
- _____. *Homens em Tempos Sombrios*. Lisboa: Antropos, 1991.
- _____. *As origens do totalitarismo. Imperialismo, a expansão do poder. Uma análise dialética*. 1976.
- _____. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

- FELDMANN, Christian. *Edith Stein: Judia, atéia e monja*. Bauru: São Paulo. EDUSC, 2001.
- FLORESTA, Nísia. *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez, 1989-b.
- _____. *Itinerário de uma Viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.1998.
- _____. *Fragmentos de uma obra inédita. Notas biográficas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- _____. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- GARGALLO, Francesca. *Las ideas feministas Latinoamericanas*. México: Creatividad feminista. 2004. Disponível em: <http://herbogeminis.com/IMG/pdf/ideas_feministas_latinoamericanas.pdf > Acesso: junho de 2020.
- GARGALLO CELENTANI, Francesca. *Feminismos desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América*. México: Editorial Corte y Confección, Ciudad de México, 2014. Disponível em: <http://francescagargallo.wordpress.com/>. Acesso em: junho de 2020.
- HELLER, Agnes. *An Ethics of personality*. Cambridge e Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- HOOKS, Bell. *El Feminismo es para todo el mundo*. Madrid: EditorialTraficantes de Sueños, 2017.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: De madresposas, monjas, presas, putas y locas*. México: UNAM, 2015.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Pacto entre mujeres sororidad*. Disponível em: <<https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf> >. Acesso, junho 2020.
- LOUREIRO, Isabel. (Org^a). *Rosa Luxemburgo. Textos escolhidos*. Volume I (1899-1914). São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- LUGONES, María. *Hacia un feminismo descolonial*. In: La manzana de la discordia, Julio. 2011, Vol. 6, No. 2: 105-119.
- LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Revista Estudos Feministas: Florianópolis. 22 (3). Setembro-Dezembro, 2014, p. 935-952.
- LUXEMBURGO, Rosa. O que queremos? In: LOUREIRO, Isabel. (Org^a). *Rosa Luxemburgo. Textos escolhidos*. Volume I (1899-1914). São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 207-262.
- MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa (editoras). *Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.
- ORTEGA, Francisco. *Agnes Heller* (entrevista). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- PACHECO, Juliana (Org^a). *Filósofas. A presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2006.
- PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen. A consciência inspirada do século XII*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PLANT, Isabel. QUINTANA, Concepción; CLARO, Fernanda; GARCÍA-HUIDOBRO, Sofía. *Mujeres Bacanas*. Chile: Editorial Catalonia. 2017. Disponível em: <https://mujeresbacanas.com/june-almeida-1930-2007/>. Acesso em junho de 2020.

RAGO, Margareth. *Epistemologia Feminista, Gênero e História*. Descobrimo historicamente o gênero. CNT: Compostela, 2012.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSA, Graziela Rinaldi da. *As Relações de Gênero na Filosofia*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

_____. *Incluindo as Mulheres Filósofas nas salas de aulas*. Anais do 8º Seminário Internacional de Educação. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 195-206.

_____. *Pensando o feminismo de Nísia Floresta: Contribuições de uma filósofa e educadora pouco conhecida*. Anais do Seminário internacional fazendo gênero 7. Florianópolis, 2006.

Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/G/Graziela_Rinaldi_da_Rosa_40.pdf.

Acesso em junho de 2020.

ROSA, Graziela Rinaldi da; MORETTI, Cheron Zanini. DESPATRIARCALIZAR E DESCOLONIZAR O CONHECIMENTO: um desafio para a Pedagogia Latino Americana. In.: PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio; GRANDO, Belini Saléte; CUNHA, Tereza; FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcantara (organizadoras). *Mulheres, territórios e identidades. Despatriarcalizando e descolonizando conceitos*. Curitiba: CRV, 2018, p. 41-52.

TIBURI, Marcia. *Como conversar com um Fascista. Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla. *As Mulheres e a Filosofia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016.